

## Testemunho de Conversão em Medjugorje

Chamo-me João Carlos da Silva Dias e nasci em 22 de Novembro de 1958. Fui educado e cresci numa família católica não praticante. Só a minha avó paterna era católica praticante mas infelizmente ela faleceu quando eu tinha apenas 10 anos.

Durante a escola primária (1º ciclo de ensino), porque era obrigatório, frequentei a catequese durante 3 anos (porque fiz os quatro anos de escolaridade em três anos). Depois ingressei no 2º ciclo (escola preparatória) e como os meus pais não eram praticantes, e a minha avó já tinha falecido, deixei de ir à Igreja. Não me lembro de ter feito a Primeira Comunhão.

A minha vida prosseguiu fora da Igreja até ao meu estágio de fim de curso da Faculdade em 1982 em que me apaixonei pela minha actual mulher que era praticante e com hábitos de oração e Santa Missa diária. Como ela ia à Missa eu de vez em quando lá a acompanhava, a maioria das vezes por frete, esperando ansiosamente pela benção final do sacerdote. Mas o amor nessa altura tudo superava...

Quando casei em Setembro de 1983 esta minha situação de afastamento da Igreja manteve-se e com a agravante de que estava a fazer com que a minha mulher também se fosse afastando inclusivé faltando alguns Domingos à Missa. A minha vida de recém-casado nessa altura era trabalho, trabalho, trabalho e como além de leccionar aulas por vezes tinha que trabalhar aos fins-de-semana na minha dissertação de Mestrado era uma boa desculpa para não a acompanhar à Santa Missa. Como ela não gostava de ir sózinha, e numa primeira fase estávamos inclusivé sem carro, e a viver a alguns quilómetros da Igreja, ela acabava também por às vezes faltar à Missa dominical.

Mas por vezes a minha mulher pedia-me também uma outra coisa, nomeadamente na Páscoa, no Natal, etc., que era que eu me fosse confessar. Recém-casados, eu também lhe tinha que retribuir às vezes aquele amor que ela me tinha e de quando ela se privava da Missa para me ficar a fazer companhia. Mas nessa altura eu dizia-lhe que não tinha pecados (na verdade não tinha consciência deles) e normalmente perguntava-lhe: “Diz-me lá um dos meus pecados”. Ela assim fazia e eu para não a ouvir mais “chatear-me” para me ir confessar, lá ia obediente e as minhas confissões demoravam 20 segundos, ou seja, dizia ao sacerdote os pecados que ela me tinha revelado e lá voltava para junto dela todo contente porque sabia que durante uma temporada estaria descansado.

A seguir à minha dissertação de Mestrado veio a de Doutoramento e, para além das aulas e a orientação de alunos na Faculdade, a minha vida continuava a ser trabalho, trabalho, trabalho. Era raro o fim-de-semana que eu não ia trabalhar para a “minha” Faculdade, nos “meus” projectos de investigação. Por vezes, inclusivé, levava para estes meus fins-de-semana as minhas duas filhas entretanto nascidas. A minha mulher quando ia à Missa ia normalmente com elas porque eu todos os fins-de-semana tinha algo que fazer. A minha Faculdade, os meus projectos de investigação, os meus alunos, eram tudo para mim.

Mas em Outubro de 2000 a minha mulher teve um esgotamento seguido de depressão e ficou de baixa porque não conseguia trabalhar. Então ela descobriu

“milagrosamente” um Grupo de Oração Carismático que começou a frequentar e que a foi “restaurando”. Quando recomeçou a trabalhar passou a ir, às quintas-feiras, a um Grupo de Adoração ao Santíssimo Sacramento. No primeiro dia em que ela lá foi deram-lhe uma imagem de Nossa Senhora de Medjugorje, ficou encantada com a sua beleza e perguntou de quem era. Explicaram-lhe as aparições que estavam a acontecer em Medjugorje e ela nesse dia chegou a casa exuberante e disse às minhas duas filhas respectivamente com 9 e 11 anos: “Meninas, Nossa Senhora aparece em Medjugorje, na Bósnia-Herzegovina (antiga Jugoslávia) há 20 anos e eu não sabia! Temos que ir lá”. Depois voltou-se para mim e disse-me que gostava de ir lá. Eu respondi-lhe que sim que ela podia ir. Ela perguntou-me: “E tu?”. Eu respondi-lhe: “Tu vais à tua vida e eu vou à minha. Aquilo até deve ser bonito e eu vou ver a agricultura, as montanhas, as praias, etc.”. De vez em quando ela lá me perguntava: “Então não vens connosco?”, e eu respondia-lhe que ia com elas mas que eu ia à minha vida e elas à delas.

Depois a minha mulher comprou um livro da Irmã Emmanuel Maillard “Medjugorje, Anos 90 – O Triunfo do Coração” (Edições Loyola), que tem várias histórias sobre as aparições e conversões em Medjugorje. Entusiasmou-se com a sua leitura, lia e resumia alguns dos seus capítulos às minhas filhas (e por vezes a mim) e só dizia cada vez com mais insistência: “Eu tenho que ir a Medjugorje”.

Entretanto ela soube que havia uma peregrinação a Medjugorje para o Festival de Jovens que ia decorrer de 31 de Junho a 5 de Agosto de 2001. Inscreveu-nos para ir pois até calhava bem para as nossas filhas porque haveria jovens. Eu iria a acompanhá-la, mas iria à minha vida de passeio e para ver as paisagens.

Antes de partirmos no Pentecostes fizémos todos em família a novena ao Espírito Santo. Eu nem sabia bem o que estava a fazer mas para não “chatear” a minha mulher, porque a via tão entusiasmada e feliz depois de a ter visto tão deprimida, fazia-lhe companhia a ela e às minhas duas filhas que costumavam rezar sempre com a mãe. A intenção da novena foi a nossa viagem a Medjugorje. Ela considerava aquela novena muito importante porque uma amiga das quintas-feiras de Adoração, a Tina, lhe tinha dito: “Se fizerem esta novena o Espírito Santo vai cair a baldes”. Ela tinha-me contado isto e eu, sem perceber bem pois nem sabia o que era uma novena, tinha achado engraçada a expressão “de cair a baldes” e por vezes até brincava quando chegava a hora de rezar e dizia: “Meninas vamos rezar porque o Espírito Santo vai cair a baldes”. Eu dizia isto mas conscientemente nem sabia quem era o Espírito Santo (fazia o sinal da cruz, mas não sabia mais nada ou pouco àcerca d’Ele). Mas lá fui fazendo a novena e por vezes até era eu o primeiro a despachar-me para rezar. Mas por outro lado ia “picando” a minha mulher, que ela podia ir à peregrinação com as minhas filhas mas que eu iria com elas mas “à minha vida”.

Até que chegou o dia 30 de Junho de 2001 de partida para Medjugorje. Chegámos ao aeroporto de Lisboa e começámos a ver os outros companheiros de peregrinação (para mim de viagem, pois eu ia em turismo a acompanhar a minha mulher e filhas). Devo confessar que nesse dia me senti bastante mal porque todos pertenciam a este ou àquele grupo de oração, desenvolviam esta ou aquela actividade na Igreja e eu como não fazia nada nem estava na Igreja, achava-me a mais naquele grupo. Por outro lado várias pessoas perguntaram-me porque é que eu levava as minhas duas

filhas porque elas eram tão pequeninas. Eu respondia-lhes delicadamente que nós sempre viajávamos em família (o que era verdade) mas interiormente sentia que não eram as minhas filhas que estavam a mais, mas sim eu. Eu é que não devia estar ali. Mas lá me enchi de força e fui “engolindo” aquilo que me diziam e contavam. Lá partimos e chegámos a Medjugorje de noite após termos feito escala em Roma e termos passado por Dubronvick. Foi-nos distribuído um quarto de cuja varanda se podia ver o Krisevack e a Colina das Aparições. No dia seguinte começou o Festival dos Jovens e as habituais conferências feitas pelos convidados e videntes. Nesse dia estava mais de 40 graus centígrados e eu ali estive à torreira do Sol todo o dia a ouvir as conferências porque algo se tinha passado comigo quando coloquei os meus pés em Medjugorje. As minhas filhas só gozavam comigo porque eu gostava imenso dos cânticos, queria acompanhar os gestos das pessoas mas não conseguia fazer os gestos como os outros. Arrepiava-me todo quando o violino tocava e era cantado um dos cânticos ao Espírito-Santo em croata que eu pensava que era a Jesus (ainda hoje me arrepio todo quando oiço a gravação desse cântico). No final do dia, e com tantas conferências que tinha ouvido, a única coisa que tinha ficado na minha cabeça é que Nossa Senhora intercedia por nós. Era uma palavra nova e uma novidade para mim. Quando chegámos à pensão a guia disse-nos que no dia seguinte ia haver uma aparição logo de manhã e que teríamos que nos levantar cedo para apanharmos um bom lugar. Depois disse que era o dia da Aparição dos Não-Crentes com a vidente Mirjana. Sem eu saber porquê saíu-me da boca que “era o meu dia”. Logo de manhã eu fui o primeiro a estar preparado para ir para a aparição. Lá fomos com um calor abrasador e quando chegámos ao local da aparição, a Comunidade Cenáculo, já estava bastante gente e tivémos que ficar, à torreira do Sol, da parte de fora de um barracão improvisado com bancadas onde iria ocorrer a dita aparição. Decorreu mais de 1,5 horas até chegar a vidente e nós ali estivémos à torreira do Sol. Enquanto a vidente não chegou cantaram-se cânticos e rezou-se o terço. Antes da aparição começou a haver umas movimentações das pessoas pois toda a gente escrevia papelinhos e entregavam-nos às pessoas que estavam do lado de dentro do recinto para colocar juntamente com fotografias e garrafas de água no local onde iria acontecer a aparição. A minha mulher soube então que aqueles papelinhos eram as intenções das pessoas. Ela pegou numa folha e escreveu-a dum lado e do outro. Deu também folhas às minhas duas filhas e elas também escreveram bastantes intenções. Eu não queria mas as minhas filhas pediram-lhe também uma folha para eu também escrever as minhas intenções, mas tudo aquilo era novidade para mim e eu não sabia bem o que eram intenções. A muito custo e a pedido das minhas filhas lá escrevi: “Gospa intercede por mim junto de Deus para que Ele me perdoe os meus Pecados”. Gospa é o nome de Nossa Senhora em croata. As minhas filhas aperceberam-se que eu tinha escrito pouco, comentaram isso com a mãe, e todas juntas disseram-me para eu escrever mais e para fazer mais pedidos. Mas eu respondi que o que tinha escrito chegava e que era muito. Embora eu sofresse de insónia crónica há 24 anos, eu nem me lembrei disso e o importante para mim naquele momento eram os meus pecados e o meu passado longe de Deus. Durante toda a Aparição eu tive um grande arrependimento da minha vida pecadora passada e passei o tempo todo a pedir perdão a Deus pelos meus pecados. No final da Aparição houve como que uma pequena turbulência e eu fui como que “aspirado” por uma corrente de ar e simultaneamente uma “energia eléctrica” percorreu todo o meu corpo. Todas as células

do meu corpo, desde os pés até à cabeça, foram percorridas como que em camadas por essa corrente eléctrica. Este fenómeno durou alguns segundos. Eu não sabia que tinha sido no final da Aparição mas então reparei que a vidente Mirjana estava a levantar-se e era sinal de ter terminado a Aparição. A minha primeira reacção foi perguntar à minha filha mais nova, que estava à minha frente “colada” a mim, se não tinha sentido aquela “brisa fresca”. Ela disse-me que não, que não tinha sentido nada e que estava era a morrer de calor. Depois pensei que alguém se tivesse mexido e provocado uma movimentação de ar. Mas olhei para ambos os lados e ninguém se movera, estávamos todos como sardinha em lata pois esperavam a tradução da mensagem da Aparição nas várias línguas. Depois disso suceder as pessoas começaram a dispersar-se e então contei à minha mulher (que estava um pouco mais à frente) o que tinha acontecido. Depois de lhe contar o sucedido ela ficou eufórica e começou a dizer: “Grande graça!”, mas eu, zangado, respondi-lhe: “Qual graça, qual carapuça, está mas é calada”. Como ela tinha lido uma história semelhante no livro da Irmã Emmanuel Maillard ela tinha consciência do que tinha acontecido, mas eu embora soubesse muito bem o que tinha sentido, não queria cair na realidade. Ela não se conteve e foi contar à guia que veio ter comigo e pediu-me: “João conte-me lá o que se passou”. Eu contava-lhe a realidade que era, em termos gerais, o seguinte: “Eu escrevi um papelinho a pedir a Nossa Senhora que intercedesse por mim junto de Deus para que Ele me perdoasse os meus Pecados e aconteceu que no final da Aparição o meu corpo foi varrido por uma corrente eléctrica que percorreu todas as minhas células e houve como que uma aspiração, foi como se tivessem ligado um ar condicionado para mim”. Ela disse-me: “Só isso?”. E eu respondi-lhe: “Acha pouco? Eu pedi a Deus o perdão dos meus Pecados com P maiúsculo”. Ela não entendia e continuou a pedir-me várias vezes para eu lhe contar o que tinha realmente acontecido, pois devia ter pensado que tinha sido alguma cura física dada a euforia da minha mulher. Como a nossa conversa não adiantava ela desistiu de falar comigo pensando que eu lhe estava a esconder algo quando eu lhe dizia apenas a realidade que era tão simples como aquilo que lhe tinha contado.

A partir daquele momento o João era sempre o primeiro a estar disponível para todas as actividades (subida à Colina das Aparições, ao Krizevack, para ir assistir às Conferências, ajudar os outros, etc., etc.). Mas o João não se ia confessar!. O sacerdote que nos tinha acompanhado (Padre João de Brito) já tinha confessado todo o grupo de portugueses menos o João. Todos os dias ia para o confessionário, talvez esperando pelo João, mas ele não lhe aparecia. A minha mulher, em virtude de pensar que era uma grande graça se eu me confessasse em Medjugorje, todos os dias insistia comigo para eu me ir confessar, mas eu nada. Até que chegou o último dia do Festival que termina com a Missa da Transfiguração de Jesus celebrada de madrugada no cimo do monte Krisevak. A minha mulher convidou-me a ir assistir a essa Missa no Krisevack mas eu respondi-lhe que não, que ficava na cama a dormir. Ela então foi com alguns colegas e disse-me: “Tu ficas para amanhã te ires confessar. Eu estou muito cansada mas vou subir o Krisevak e rezar por ti”. Eu fui-me deitar, acordei e levantei-me. Olhei e estava uma Lua cheia maravilhosa que parecia que se ria para mim e senti uma grande vontade em ir assistir à Missa no Krisevak. Vesti-me apressadamente, bebi um sumo e fui subir o Krisevack. Desde a Pensão Maya até ao cimo do monte levei 35 minutos, o que reconheço hoje que é humanamente

impossível, pois já fiz aquele percurso depois mais vezes. Quando cheguei ao cimo do Krisevack ainda avistei ao longe a minha mulher com os companheiros. Só posso dizer que naquela subida parecia que as pessoas se afastavam de mim e que eu, mesmo sem lanterna, percorria aquele caminho velozmente e como se fosse de dia. Assisti à Santa Missa, comunguei e olhando à volta para toda aquela multidão só me vinha à mente o filme que eu em criança vira na altura da Páscoa sobre Moisés com o povo judeu no cimo do monte aquando da saída do Egipto. Depois da Missa, eu estava eufórico e só cantava (eu até aí nunca cantava) e tão depressa como tinha subido assim desci a correr, não pelos caminhos normais, mas pelas veredas que existem no meio do matagal. Parecia uma cabra montanhesa e hoje, quando olho para o que fiz só penso: “Os anjos estavam a segurar-me para eu não cair quando corria e quase que voava naquela descida”. Cheguei à pensão e entrei no quarto a cantar com uma voz que não era a minha: “Cantai, cantai, senhores, nasceu Jesus o Filho da Virgem Maria”. As minhas filhas que tinham acordado com aquela minha entrada intempestiva só me mandavam calar, mas quanto mais me mandavam calar, mais eu cantava. A mais nova zangada dizia-me: “O cântico não é assim” (ela estava a pensar no cântico de Natal). Mas eu respondia-lhe: “É sim, cantem comigo: cantai, cantai, senhores, nasceu Jesus o Filho da Virgem Maria”. Como elas estavam a gritar comigo para eu me calar e havia mais gente a descansar eu então tomei um duche a cantar e desci e vim todo feliz para a rua a cantar outros cânticos e a dançar. Ao fim de mais de uma hora chegou a minha mulher com os colegas e ficou admirada de eu estar na rua tão feliz e a cantar. Então eu disse-lhe que eu também tinha estado lá em cima no Krisevack e que a tinha visto mas que não tinha conseguido ir ter com ela devido à multidão. Ela então respondeu-me: “Eu vou-me deitar porque estou muito cansada e tu vais-te confessar”. Entretanto estava o Senhor Padre João de Brito a sair da Pensão porque queria ir cedo para saber onde iria celebrar a Missa naquele dia da Transfiguração. Então a minha mulher disse-lhe: “Senhor Padre pedia-lhe o favor que fosse para o confessionário pois está aqui o João que precisa de confessar-se e já lá vai ter”. O João aí calou-se, sentiu-se atrapalhado e como que apanhado e disse à mulher: “Para eu ir confessar-me tens que me dizer os meus pecados”. Ela respondeu: “Vai, que o Senhor Padre tem mais que fazer”, e pediu às minhas filhas para me levarem. E eu lá fui com elas. Entrei no confessionário e a minha confissão demorou duas horas porque o Senhor Padre teve de a interromper porque tinha que ir celebrar a Santa Missa. Foi mais que uma confissão, foi um contar da minha vida passada. Sei que durou duas horas não por ter dado por isso, mas porque as minhas filhas quando regressámos foram dizer à mãe: “Mãe, foi uma vergonha, o pai entrou no confessionário e esteve lá duas horas; as espanholas vinham para se confessar e ele não saía de lá; foi uma vergonha”. Entretanto elas já se tinham chateado comigo por eu ter estado todo aquele tempo na confissão, mas nada me afectava pois eu só cantava, estava nas nuvens. Hoje sei que o que se passou comigo foi que naquela Missa da Transfiguração no monte Krisevack tive uma Efusão do Espírito Santo que perdurou ao longo de todo aquele maravilhoso dia.

Fui de novo à Missa naquele dia da Transfiguração e desde então as Missas deixaram de ser chatas e só fico triste quando são celebradas apressadamente, ou como de rotina, e sem cânticos.

Regressámos a Portugal mas depois de Medjugorje eu fiquei muito diferente, senti uma grande necessidade de estar com Deus em adoração e comecei a ir à Santa Missa também de semana, a rezar e a jejuar. Deixei de ver televisão da qual era um viciado pois passava todos os dias mais de 6 horas em frente ao ecrã. Passei a frequentar semanalmente o grupo de oração carismático de St. Mary's em S. Pedro do Estoril e por vezes ia também a outros grupos porque a sede de Deus era grande. No início lembro-me que cada vez que ia ao grupo de St. Mary's chorava, chorava de arrependimento de ter estado tanto tempo longe de Deus, e Deus ia-me curando interiormente. Em finais de Novembro, fui pela primeira vez na minha vida a um retiro com o Padre Jean Simonart e gostei.

Quem não estava a gostar desta minha vida era o demónio que entretanto me tentou desviar pelos caminhos da Nova Era (yoga, acupunctura, tai-chi e shiatsu) através do convite inicial de uma amiga de infância para frequentar umas sessões de yogoterapia devido ao meu problema de insónia crónica. Dava outra história esta minha breve passagem por aqueles caminhos pois o seu primeiro resultado foi eu ter abandonado logo a Adoração ao Santíssimo porque “coincidia” com o horário da yogoterapia.

Até que chegou o dia 25 de Abril de 2002 em que participei no retiro “Escola de Carismas” na Escola Salesiana do Estoril, com o Damian Stayne da Comunidade Carismática “Cor et Lumen Christi”. Logo no primeiro dia na oração de cura, foi-nos pedido para fecharmos os olhos e pedir o Espírito Santo. Eu obediente assim procedi e quando o Damian Stayne me impôs as mãos sobre a minha cabeça o Fogo do Espírito Santo desceu, apoderou-se de mim e “queimou-me” provocando-me uma cura interior muito grande. O Fogo do Espírito Santo, que foi visível aos meus olhos, era um feixe de luz branca cristalina associado a uma poderosíssima corrente eléctrica, semelhante a um relâmpago contínuo. Todo o meu corpo foi tomado por esse feixe de luz e fortíssima corrente eléctrica sem que eu nada pudesse fazer. A minha barriga foi agitada e a minha cabeça também rodava. Enquanto o Damian me impunha as mãos revelava-me acontecimentos íntimos familiares e de perseguições de colegas desde a minha infância, que ele nem ninguém que estava naquele retiro conhecia, e pedia-me para eu perdoar a todos aqueles que me tinham magoado porque só assim Deus me podia curar. Como eu nesse dia não consegui perdoar tudo, o que só o fiz à noite quando estava na cama em que me vinham à mente todas essas situações, no dia seguinte tive uma nova acção física do Espírito Santo mas muito mais ligeira, apenas corrente eléctrica. No final daquela acção do Espírito Santo, na primeira vez, fiquei de rastos e durante dois dias sentia-me a ser “queimado” por Aquele Fogo na zona física do meu coração (mas não nele), que parecia que estava a arder, principalmente à noite. Eu não conseguia dormir tal era o Fogo e só rezava, pedia perdão a Deus e ia perdando todos aqueles que me tinham magoado (colegas e familiares).

No último dia do retiro quando fui rezado foi-me dada uma palavra de profecia: “Vais ser um meu evangelizador. Vai ao sítio mais recôndito onde não existe a minha Palavra e diz-lhes que Eu sou um Deus de Amor e que posso ressuscitar cada um deles”. O curioso é que como eu nunca tinha tido uma experiência destas, depois de ter sido rezado voltei ao meu lugar e queria lembrar-me do que me tinha sido dito para escrever no caderno. Mas não me lembrava de tudo direitinho. Daí que eu tenha tomado a decisão de ir novamente à senhora que tinha rezado por mim e pedi-lhe: “Eu queria que rezasse novamente por mim para o Espírito Santo repetir o que disse

porque eu esqueci-me dumas partes”. Como devem imaginar a senhora ficou muito atrapalhada porque já tinha passado cerca de meia hora e disse-me: “Já passou muito tempo eu já rezei por muita gente e não me lembro do que lhe disse”. Mas eu na minha incredulidade e inocência disse-lhe: “Não diz que foi o Espírito Santo que lhe disse? Pergunte-Lhe de novo que Ele vai dizer-lhe tudo de novo!”. Ela sem saber o que fazer e perante a minha tão veemente insistência lá acedeu a impôr de novo as mãos sobre mim e a questionar o Espírito Santo sobre a mensagem que me tinha dirigido. O que vos posso dizer é que o Espírito Santo/Deus confirmou a mensagem e acrescentou: “Vais ser um evangelizador. Não fiques inibido. Eu estou contigo”. E eu lá voltei para o meu lugar e escrevi no meu caderno de apontamentos a mensagem completa.

Com a minha muitíssima limitada mente penso que este foi o culminar da grande intercessão de Nossa Senhora junto de Deus que eu tinha pedido em Medjugorje. Jesus está Vivo e o Espírito Santo está activo e tenho tido muitos outros sinais disso na minha vida e na vida daqueles com quem passei a contactar. Deus quer salvar todos e ressuscitar todos aqueles que andam longe d’Ele como eu andava.

Queria por último agradecer a todos os que rezaram por mim e dizer que tudo isto só foi possível pelo Amor, Misericórdia e Graça de Deus e porque muitos rezaram e intercederam por mim. Que Deus os abençoe.

Louvada e glorificada seja a Santíssima Trindade e a Bem Aventurada Virgem Maria, minha Querida Mãezinha do Céu.

João Silva Dias

Carcavelos, 6 de Abril de 2008